


CONTRIBUIÇÕES DO HISPANISMO BRASILEIRO PARA OS ESTUDOS DECOLONIAIS: UMA ANÁLISE DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS DO XII CBH

CONTRIBUCIONES DEL HISPANISMO BRASILEÑO PARA LOS ESTUDIOS DECOLONIALES: UN ANÁLISIS DE LOS SIMPOSIOS TEMÁTICOS DEL XII CBH

Álvaro José dos Santos Gomes  0000-0002-9123-7729
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
alvaro.brt@gmail.com

José Veranildo Lopes da Costa Junior  0000-0002-2400-8715
Professor do Programa Pós-Graduação em Linguagem e Ensino
Universidade Federal de Campina Grande
jveranildo@hotmail.com

Recebido em 09 de fevereiro de 2022

Aceito em 27 de março de 2022

Resumo: Nos últimos anos, o hispanismo brasileiro tem contribuído com reflexões nos mais diferentes campos de atuação teórico-metodológica em torno dos fenômenos da língua e da linguagem. Desse modo, notamos que a área tem demonstrado interesse pelos estudos decoloniais mediante propostas de dossiês, grupos de trabalho em eventos etc. Neste artigo, compartilhamos observações sobre algumas das tendências de pesquisa do espanhol a partir de uma perspectiva decolonial. O *corpus* é formado pela lista de simpósios temáticos do XII Congresso Brasileiro de Hispanistas (CBH), um dos eventos mais tradicionais da nossa categoria. As análises mostram que, das 23 propostas, 05 delas se filiam expressamente à decolonialidade, o que aponta um interesse do hispanismo nesta temática.

Palavras-chave: Estudos decoloniais. Estudos Hispânicos. Congresso Brasileiro de Hispanistas.

Resumen: En los últimos años, el hispanismo brasileño ha aportado contribuciones en los más diferentes campos de actuación teórico-metodológico en torno a los fenómenos de la lengua y del lenguaje. De ese modo, notamos que el área ha demostrado interés por los estudios decoloniales mediante propuestas de dossiers, grupos de trabajo en eventos etc. En este artículo, compartimos observaciones sobre algunas de las tendencias de investigación del español desde una perspectiva decolonial. El *corpus* está formado por la lista de simposios temáticos del XII Congreso Brasileño de Hispanistas (CBH), uno de los eventos más tradicionales de nuestra categoría. Los análisis muestran que, entre 23 propuestas, 05 se inscriben expresamente a la decolonialidad, lo que señala un interés del hispanismo en esa temática.

Palabras clave: Estudios decoloniales. Estudios hispánicos. Congreso Brasileño de Hispanistas.

1 Introdução

No Brasil, o ensino de língua espanhola contabiliza mais de um centenário de histórias, lutas e resistências. Um dos grandes marcos da presença do espanhol no sistema educacional do nosso país foi o concurso que aprovou o filólogo Antenor Nascentes para ocupar o cargo de professor no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro (COSTA JUNIOR; CARVALHO, 2020).

Sobre esse período, Paraquett (2020) recupera momentos importantes do hispanismo brasileiro, categorizando-os em quatro grandes ondas, inspiradas nos estudos feministas. Segundo a autora, a primeira onda corresponde à aprovação de Antenor Nascentes e vai até as Licenciaturas em Letras Neolatinas. A segunda compreende das duplas Licenciaturas (em Espanhol) à fundação das Associações de Professores de Espanhol (APE). A terceira diz respeito à criação da Associação Brasileira de Hispanismo (ABH) até a revogação da Lei nº 11.161/2005. E a última onda — consequência direta da derogada dessa política linguística nacional — inicia-se com o movimento #FicaEspanhol.

Ao longo de um século, ou das quatro ondas que caracterizam o espanhol no Brasil, é possível perceber que os estudos hispânicos vêm “[...] crescendo na área do ensino e da pesquisa, além de apresentar mudanças relevantes no que tange à compreensão do que é ensinar, aprender e pesquisar em língua espanhola” (PARAQUETT, 2020, p. 11). Considerando essa história, a referida autora, por exemplo, faz um importante levantamento sobre o número de artigos subscritos à língua espanhola e publicados na *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, periódico vinculado à Associação de Linguística Aplicada do Brasil. A pesquisadora chega à conclusão de que “[...] em termos percentuais, os artigos sobre espanhol correspondem a 2,3%” (PARAQUETT, 2009, p. 124) do total de trabalhos submetidos ao periódico. Alguns anos depois, Paraquett (2012, p. 225) também publica na *Revista Abehache* um artigo em que discute uma “[...] ausência a partir de aspectos políticos que caracterizam as áreas de produção científica em Estudos da Linguagem em nosso país”, problematizando a lacuna de pesquisas do espanhol em campos como a Linguística Aplicada (LA).

Desde 2009, ano que marca a publicação de Paraquett, o hispanismo brasileiro tem vivido um movimento de expansão da área em todo o território nacional, resultado de múltiplas variantes, como a promulgação da Lei nº 11.161/2005; o processo de expansão das Universidades Federais em razão do desenvolvimento de políticas educacionais vinculadas ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni); a ampliação, em todo território nacional, dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, acompanhado da abertura de novos cursos e *campi* em universidades estaduais; a criação da Universidade Aberta do Brasil, que descentralizou e expandiu — por meio da educação a distância — as licenciaturas em Letras Português e Espanhol (KANASHIRO; GOMES, 2018), assim como a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a UNILA, em 2010, como nossa primeira universidade pública internacional e bilíngue, cuja política linguística é o ensino de português e espanhol (GOMES, 2022).

No caso da pesquisa, a área de língua espanhola tem também ocupado espaço e conquistado protagonismo na agenda de diversos campos do saber como resultado de uma maior profissionalização dos professores de espanhol e de uma democratização dos cursos de pós-graduação. Paraquett (2009) lembra que, no início da sua carreira acadêmica, os professores de espanhol tinham poucas oportunidades de acesso à

pesquisa acadêmica nos estudos linguísticos. Grande parte dos especialistas da primeira onda filiou-se ao campo da literatura. Ao passar do tempo, nota-se uma maior produção de pesquisadores do espanhol em áreas como a LA e os Estudos da Linguagem, diferentemente da conjuntura narrada por Paraquett (2009, 2012). Atualmente, presenciamos um cenário mais participativo do espanhol em pesquisas identificadas com a LA, conforme dados discutidos e analisados por Silva Júnior (2020, p. 310) em um trabalho no qual o autor verifica “[...] a possibilidade de integração entre a LA e as pesquisas na área de espanhol, questionando se esse diálogo ocorre desde o âmbito da Pós-Graduação”.

Se, por um lado, nas últimas duas décadas percebemos uma tentativa de aproximação entre a LA e o espanhol; nos dias atuais, por outro lado, especialmente com a popularização da obra de autores como Aníbal Quijano nas humanidades, notamos que os cursos de Letras Português e Espanhol e a pós-graduação trouxeram a decolonialidade para os seus interesses de estudo. Acreditamos que esse acentuado interesse dos cursos de Letras pela decolonialidade se explica pela necessidade de entender a língua e a linguagem como dispositivos que acionam – ou desconfiguram – o projeto de poder/ser colonial.

Nos estudos decoloniais, o espanhol também tem trazido contribuições relevantes para a área, a exemplo das pesquisas orientadas e desenvolvidas pela professora Livia Baptista, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e sistematizadas no Grupo de Pesquisa Decolonialidade, Linguagem, Identidade e Educação (DECOLIDE). Além disso, destaca-se a tese de doutorado de Fernanda Tonelli, intitulada *Sur o no Sur: cultura na formação de professores de línguas em contextos ibero-americanos*, como uma importante colaboração do espanhol para os estudos críticos e decoloniais.

Para além de iniciativas individuais de pesquisa, revistas importantes lançaram dossiês sobre decolonialidade e ensino de línguas. Na *Revista Gragoatá*, Luciana Maria Almeida de Freitas, professora de espanhol da Universidade Federal Fluminense (UFF), em parceria com Maria Paula Meneses, da Universidade de Coimbra, organizaram o dossiê “Discurso, Epistemologias do Sul e Pedagogias Decoloniais”¹. Embora o número citado não se dedique especificamente ao espanhol, há textos de colegas hispanistas. Ainda em 2021, a *Revista Abehache*, um periódico da ABH, lança o dossiê “Decolonialidade, resistências, epistemes e práxis: contribuições do hispanismo brasileiro”². Em 2022, a *Revista Leia Escola* propõe um volume temático intitulado “Decolonialidade, Educação e Ensino de Línguas e Literaturas”, sob organização de Tatiana Lourenço de Carvalho, professora de espanhol da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), Jackeline Susann, da Universidade de Salamanca (USAL), e Cláudia Regina Calado, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab).

Portanto, levando em conta um interesse do hispanismo brasileiro a respeito da decolonialidade e considerando, ainda, os dados levantados por nós, traçamos como objetivo geral do nosso artigo analisar algumas das contribuições do hispanismo brasileiro para os estudos decoloniais. Para tanto, o artigo divide-se em três etapas. Primeiramente, problematizamos o projeto de poder/ser colonial, através de uma revisão do que se entende por decolonialidade. Em seguida, apresentamos os aspectos metodológicos do trabalho. Por fim, compartilhamos as nossas análises, tendo como

¹ Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/issue/view/2406>. Acesso em: 23 fev. 2022.

² Disponível em: <https://revistaabehache.com/ojs/index.php/abehache/issue/view/20>. Acesso em: 23 fev. 2022.

corpus a lista de simpósios temáticos do XII Congresso Brasileiro de Hispanistas (CBH).

2 O projeto de poder/ser colonial

Ramón Grosfoguel (2006), em um artigo que discute o conceito de capitalismo global a partir do giro decolonial, problematiza, dentre outros temas, a colonialidade do poder/ser. Para o autor, os estudos sobre globalização, os paradigmas da economia política e a análise do “sistema mundo” não contemplam lugares de fala subalternizados, pois são construídos pela “[...] *perspectiva del ojo de diós en el punto cero del hombre occidental*” (GROSFOGUEL, 2006, p. 24), o que significa dizer, metaforicamente, que o modo de produzir conhecimento no Ocidente é operado pela ótica do Norte Global, de forma particular, dos países que compõem a Europa e os Estados Unidos.

Ao refletir sobre a expansão colonial pelas lentes do mundo europeu, Grosfoguel (2006, p. 24) advoga que o capitalismo “[...] *privilegia las relaciones económicas sobre otras relaciones sociales*”, em função das estruturas de poder que se consolidam nas divisões de classe e nas transformações econômicas neoliberais. Nesse sentido, o chamado “sistema mundo” que chega à América do século XV trazido pelos europeus é representado pela imagem do homem branco, capitalista, militar, cristão, patriarcal, heterossexual, sendo estes alguns dos traços que caracterizam o projeto de poder/ser colonial (GROSFOGUEL, 2006).

O sociólogo porto-riquenho menciona nove dispositivos coloniais que dão sustentação ao “sistema mundo” de natureza capitalista, sendo eles: as relações entre as divisões de classe e trabalho; a divisão internacional do trabalho; um sistema político-militar; as divisões de raça; as relações entre gênero e patriarcado; a heterossexualidade compulsória; a hegemonia cristã; uma hierarquia epistêmica ocidental; e uma hegemonia linguística a partir das línguas europeias (GROSFOGUEL, 2006).

Por sua vez, em um texto já clássico para as ciências sociais, o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2011, p. 117) afirma que um dos dispositivos coloniais diz respeito à “[...] classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial”. O estudioso também defende que o projeto de poder hegemônico se estrutura pelo capital e pelas relações de trabalho, pois “[...] todas as formas de controle e de exploração do trabalho e de controle da produção-apropriação-distribuição de produtos foram articuladas em torno da relação capital-salário (de agora em diante capital) e do mercado mundial” (QUIJANO, 2011, p. 17). Em outras palavras, acredita-se que “[...] ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente, apesar de que nenhum dos dois era necessariamente dependente do outro para existir ou para transformar-se” (QUIJANO, 2011, p. 17).

Em comum, Grosfoguel (2006) e Quijano (2011) apontam que os dispositivos coloniais se estruturam pelas ideias de raça, exploração capitalista e divisões de gênero. Cada um desses fatores é composto por inúmeros outros dispositivos que integram o projeto de poder/ser colonial, o qual se caracteriza por uma hierarquização das relações sociais e pela forma como interagimos no mundo e com o mundo.

Por outra perspectiva, em um trabalho recém-publicado³, Baptista (2021) apresenta o conceito de lócus de enunciação considerando, pelo menos, três traços

³ Em 2021, a *Revista Abehache* lançou um número temático intitulado “Hispanismos e reencontros”, o qual tem como proposta reunir textos que revisem assuntos de interesse dos pesquisadores da língua espanhola. Na ocasião, Livia Baptista publicou um artigo em que atualiza e sistematiza o conceito de

importantes. Segundo a autora, a condição primeira para que o *l*ocus se constitua é a sua ocupação pelo “[...] sujeito subalternizado, invisibilizado ou historicamente apagado” (BAPTISTA, 2021, p. 1121). Portanto, há uma impossibilidade de que as classes abastadas — e coloniais — ocupem o espaço do *l*ocus de enunciação. Além disso, Baptista afirma que, como dispositivo decolonial, o *l*ocus “[...] materializa uma práxis contrária à ordem hegemônica estabelecida ao viabilizar um conjunto de práticas e ações que impulsionam pedagogias decoloniais” (BAPTISTA, 2021, p. 1117), podendo ser entendido como um contradiscurso, e, por essa razão, a pesquisadora sintetiza o conceito em questão “[...] como um espaço sócio-histórico de enunciação, apropriado pelos sujeitos e, conseqüentemente, instaurador de uma perspectiva outra de conhecimento dos enunciadore” (BAPTISTA, 2021, p. 1122).

Acreditamos que o *l*ocus de enunciação é fundamental para a desconfiguração do projeto de poder/ser colonial pela capacidade de desarticular as bases de um pensamento hegemônico, possibilitando que lugares de fala e espaços de dor sejam ocupados por sujeitos que destoam do padrão tradicional de ser e existir. Trata-se, pois, da construção de uma nova cartografia, sendo esta:

Uma cartografia distinta do saber/poder na qual e para a qual as práticas de linguagem, ou ainda se se prefere, os usos sociais da linguagem são cruciais, já que por meio dessas podemos situar o ego, as vozes, confrontar lugares de fala e de escuta, inverter, subverter e combater as narrativas lineares da colonialidade (BAPTISTA, 2021, p. 1122).

Diante do exposto pela autora, entendemos que a estrutura colonial se utiliza, dentre outros fatores, da língua e da linguagem, como já mencionado ao longo do nosso artigo. As nossas práticas languageiras, por exemplo, situam-nos em um projeto colonial ou em um *l*ocus de enunciação. É pela língua(gem) que “performamos” o modo de existência, seja por uma perspectiva colonial ou por meio de uma postura que enfrenta as chamadas narrativas lineares de uma vida colonial (BAPTISTA, 2021).

Entre as diversas instâncias sociais pelas quais a língua e a linguagem se manifestam, o projeto de poder/ser colonial encontra, na escola, um lugar para instaurar os seus discursos e as suas *performances* hegemônicas. Em consequência disso, os estudos decoloniais têm se debruçado sob o ambiente escolar por meio de um contradiscurso, possibilitando que sujeitos periféricos sejam ouvidos mediante o *l*ocus de enunciação (BAPTISTA, 2021).

Considerando que a sala de aula se torna um espaço de resistência à colonialidade, nos próximos tópicos deste artigo objetivamos analisar algumas das contribuições do hispanismo brasileiro para os estudos decoloniais.

3 Aspectos metodológicos

A metodologia levada a cabo no referido artigo está ancorada na perspectiva qualitativa interpretativista, tendo como procedimento metodológico a análise documental. Segundo Lüdke e André (2020), esta se apresenta como uma ferramenta importante no quadro de recursos metodológicos em pesquisas qualitativas, uma vez

*l*ocus de enunciação. Para mais informações, consultar: BAPTISTA, L. *L*ocus de enunciação, decolonialidades e produção de saberes: algumas inflexões a partir do Sul Global. *Revista Abetache*, n. 20, 2021, p. 65-83.

que complementa informações oriundas de outras técnicas, descortinando novos aspectos de um problema ou tema. Os autores ainda consideram que:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam as afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte natural de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (LÜDKE; ANDRÉ, 2020, p. 45).

Assim, a seleção dos dados que compuseram o *corpus* analisado, a partir dessa técnica, orientou-se, como já mencionado na introdução, pela análise documental da lista de simpósios temáticos (ST) do XII Congresso Brasileiro de Hispanistas (CBH), composta por 23 trabalhos. Buscou-se, desse modo, verificar quais propostas se relacionavam tematicamente aos estudos decoloniais.

Após a garimpagem dos dados, identificou-se a presença de 05 STs — conforme os critérios de seleção previamente estabelecidos — que se referiam à decolonialidade como eixo central dos trabalhos a serem inscritos nessa modalidade de apresentação. No Quadro 1 apresentamos os STs⁴ selecionados por título, proposição e filiação institucional.

Quadro 1. Simpósios temáticos decoloniais

ST	Título do simpósio	Proposição e filiação institucional
03	O ensino de espanhol desde uma perspectiva decolonial: grupos minoritarizados em foco	Acassia dos Anjos Santos Rosa (UFS) Thayane Silva Campos (UFRN)
04	O Sul Global como espaço-território de/para insurgência, resistência e reexistência decoloniais	Lívia Márcia Tiba Rádis Baptista (UFBA) Valdiney da Costa Lobo (UNILA)
12	Identidade, Memória e Pensamento Decolonial Latino-americano: diálogos possíveis entre Literatura e História	Ximena Antonia Díaz Merino (UFRRJ) Dayenny Neves Miranda (IFRJ)
18	Olhares e linguagens atravessadas na formação de professores no século XXI em perspectiva decolonial	Doris Matos (UFS) Marcia Paraquett (UFBA)
22	Práticas ativas no ensino de línguas, literaturas e geografias decoloniais: metodologias de aprendizagem em perspectiva transfronteiriça	Ezilda Maciel da Silva (UFPA) Amilton José Freire de Queiroz (UFAC)

Fonte: Elaborado pelos autores.

⁴ A lista de simpósios pode ser consultada no endereço: <https://hispanistas.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Simpósios-Tematicos-XII-CBH-2.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Delimitado o escopo de análise, procedemos à leitura dos STs buscando identificar: i) a concepção teórica de decolonialidade defendida pelos autores; ii) a possível relação entre decolonialidade e o ensino de língua e literatura; iii) os objetivos gerais e específicos de cada simpósio; iv) os critérios de submissão e aceite dos trabalhos que formaram parte dos ST. Mediante tais procedimentos, apresentamos na sequência os resultados obtidos e a análise de algumas contribuições do hispanismo brasileiro para os estudos decoloniais.

4 Análises e discussões

Os simpósios no país seguem algumas especificidades quanto ao formato: via de regra, os proponentes, normalmente dois pesquisadores, devem estar vinculados a uma instituição de ensino superior, exigindo-se ainda que, na submissão das propostas, os investigadores sejam filiados a instituições diferentes. As características desse gênero permitem que os simpósios sejam construídos de modo colaborativo e por uma perspectiva interinstitucional. Assim sendo, a socialização das pesquisas tende a ganhar maior amplitude — geográfica e teórica. Entendemos, tal qual Pelegrini e França (2020), que a diversidade de docentes e universidades na esfera da produção científica é um aspecto positivo e necessário, uma vez que se evita a endogenia acadêmica ao criar uma rede de cooperação para a circulação de conhecimento.

Nos STs analisados, identificamos essa multiplicidade de universidades e de pesquisadores a que os autores acima citados se referem como um atributo a ser valorizado nas produções acadêmicas. Constatamos a participação de três instituições da região Nordeste — sendo duas delas com mais de uma proposição (UFS e UFBA) —, duas da região Norte, duas da região Sudeste e apenas uma da região Sul, conforme descrito no Quadro 2.

Quadro 2. Simpósios por instituição e região

Instituição	Região	ST
Universidade Federal do Sergipe (UFS)	Nordeste	3
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Nordeste	3
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Nordeste	4
Universidade Federal do Sergipe (UFS)	Nordeste	18
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Nordeste	18
Universidade Federal do Pará (UFPA)	Norte	22
Universidade Federal do Acre (UFAC)	Norte	22
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)	Sudeste	12
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	Sudeste	12
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)	Sul	4

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os ST, como pudemos constatar, com exceção do ST 4 — de representantes das regiões Nordeste e Sul —, foram proposições feitas por pesquisadores da mesma região e de estados diferentes; apenas o ST 12 se circunscreveu geograficamente ao estado do Rio de Janeiro. O Nordeste brasileiro figurou como a região de maior quantitativo de inscrição de STs acerca da decolonialidade. Já a região Centro-Oeste foi a única que não constou nos simpósios relativos à temática analisada.

Quando observados em sua totalidade, os STs, independentemente do recorte temático, apresentaram o seguinte quantitativo de proposições relativas aos estudos hispânicos: região Sudeste, com 20 (nove do estado de São Paulo, oito do Rio de Janeiro e três de Minas Gerais); região Nordeste, com 13 (quatro da Bahia, três do Rio Grande do Norte, três de Sergipe, um do Ceará e dois da Paraíba); região Sul, com sete (quatro de Santa Catarina e três do Paraná); região Norte, com quatro (dois de Alagoas, um do Pará e um do Acre); região Centro-Oeste, com dois (um de Mato Grosso do Sul e um do Distrito Federal). Os resultados, portanto, demonstram que as regiões Sudeste e Nordeste são as que mais tiveram proposições e que o Centro-Oeste figurou em último lugar, com a participação apenas de Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade de Brasília (UnB), respectivamente.

Embora seja uma modalidade de apresentação de pesquisa científica amplamente utilizada em congressos, somente na XI edição do CBH, realizada em 2020, tivemos a inscrição de dois STs relacionados aos estudos decoloniais, reunindo apenas sete comunicações (CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2020). Ao comparar com a atual edição, objeto de nossa análise, percebemos um avanço em termos quantitativos, uma vez que, conforme já mencionamos, o XII evento contou com a submissão de cinco STs. Esses dados sinalizam que o hispanismo brasileiro tem trazido para a sua agenda a perspectiva decolonial como um dos focos de seu interesse. Considerando que cada ST pode abrigar até 12 comunicações individuais⁵, espera-se que, no melhor dos cenários, haja dezenas de trabalhos inscritos debatendo a decolonialidade nos estudos hispânicos⁶.

4.1 Concepção teórica de decolonialidade dos STs

Com vistas a compreender o aporte teórico utilizado pelos pesquisadores dos STs, buscamos mapear as principais referências de autores e/ou obras que sustentaram as proposições de seus recortes temáticos. Dos cinco STs, três fizeram alusão aos aspectos de natureza teórica que nortearam a recepção de trabalhos a serem inscritos no XII CBH. No ST 3, identificamos os seguintes autores: Cavalcanti (1996), Quijano (2005), Akotirene (2018), hooks (2008), Silva Junior e Matos (2019) e o grupo Modernidade Colonialidade e Decolonialidade (MCD). Já o ST 4 baseou-se nas produções de Arroyo (2009), Santos (2019, 2010, 1995), Argüello Parra (2015), Bernardino-Costa (2018), Mignolo (2003), Veronelli (2016), Anzaldúa (1987) e Souza (2011). No ST 12, os pesquisadores mencionaram as contribuições de Pratt (2010), Hall

⁵ A previsão que fazemos baseia-se apenas nas regras do evento que acomodam até 12 comunicações em cada simpósio. Como o período de submissão de trabalhos encerrou-se no dia 22 de março de 2022, não dispomos dos dados relativos ao número de comunicações inscritas em cada ST até a data de escrita do nosso artigo.

⁶ Na XI edição foram propostos apenas dois simpósios temáticos acerca da decolonialidade, que reuniram, em sua totalidade, sete comunicações. Quando confrontamos os dados das duas edições, percebemos que a última ultrapassará o número de trabalhos inscritos, uma vez que o número de ST dessa edição aproxima-se à quantidade de trabalhos submetidos no evento anterior. Esses dados consolidam a ideia segundo a qual há um crescimento expressivo, considerando os dois últimos anos, dos estudos hispânicos acerca da decolonialidade.

(2014), Palermo (2014) e Mignolo (2003). Os STs 18 e 22 não especificaram no corpo do texto as diretrizes de autoria/obra que conformam a concepção de decolonialidade. No entanto, o último delinea as áreas teóricas que sustentam a proposição do ST, sendo elas: “[...] Literatura Comparada, Estudos Culturais, Pós-coloniais, Decoloniais, Teorias críticas do currículo, Geografia Cultural, Teorias da leitura, Formação de professores e Teorias da aprendizagem” (SILVA; QUEIROZ, 2022, p. 23).

Em linhas gerais, percebemos uma diversidade de autores que influenciaram a concepção teórica dos proponentes acerca da decolonialidade. Esse dado demonstra que as fontes teóricas utilizadas, embora tratem, em seus limites temáticos, de decolonialidade e assuntos correlatos, são distintas e complementares, o que enseja profícuos diálogos a partir de diferentes olhares. As referências, quando analisadas em conjunto com os objetivos de cada simpósio, permitem-nos inferir que a concepção de decolonialidade está galgada na diversidade, por uma coerência lógica/epistemológica, como pode ser visto no texto do ST 3:

[...] este simpósio reunirá trabalhos que tenham a **perspectiva decolonial** como eixo central das discussões propostas, em uma pluralidade de abordagens, tendo em vista que a **concepção de decolonialidade** que tomamos, parte das discussões do grupo MCD (Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade) compostos por estudiosos como **Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Enrique Dussel, Walter Mignolo**, entre outros (ROSA; CAMPOS, 2022, p. 4, grifos nossos).

Registra-se, como dado recorrente em alguns simpósios acerca da decolonialidade, as contribuições teóricas de Aníbal Quijano e Walter Mignolo. Segundo Rubbo (2018), o primeiro introduz e desenvolve, embasado em uma teoria filosófica, epistemológica, ética e política, o conceito de “colonialidade de poder”. Para o autor, é um “[...] neologismo transformado em conceito-chave [...] que faz referência a uma estrutura de poder particular do domínio colonial à qual foram submetidas as populações nativas a partir de 1492, e que ainda persiste após a independência” (RUBBO, 2018, p. 392). Já o segundo, membro-fundador do grupo Modernidade/Colonialidade, figura-se como expoente do pensamento decolonial latino-americano.

A descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como o verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.). Não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento descolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica (MIGNOLO, 2018, p. 15).

Percebe-se, desse modo, que tanto as produções teóricas de Aníbal Quijano quanto de Walter Mignolo ancoram a maioria dos estudos de decolonialidade dos STs analisados. Consideramos que a predileção dos proponentes pelas referências elencadas nesta seção está relacionada ao arcabouço epistemológico que os autores sedimentaram ao longo de anos de pesquisas para pensar a América Latina *desde otra mirada*.

4.2 Decolonialidade e o ensino de língua e literatura

Conforme destacamos na seção Aspectos metodológicos, um dos elementos a serem analisados no *corpus* que constituímos foi a identificação da possível relação entre decolonialidade e ensino de língua e literatura. Essa abordagem investigativa torna-se importante no contexto deste trabalho porque consideramos, assim como Quijano (2011) e Baptista (2021, 2022), que a língua, como sistema simbólico, representa a relação e o instrumento de saber/poder.

[...] acredito ser necessário expandir os lugares enunciativos e, conseqüentemente, confrontar a ideia de colonialidade da linguagem e, mais recentemente, tenho ressaltado as práticas decoloniais como **movimentos de insurgência** que rasuram a lógica da colonialidade da linguagem (BAPTISTA, 2022, p. 55) (Grifo nosso)

Com efeito, a decolonialidade pressupõe um lugar de fala em que o subalterno — para usar o sugestivo título da obra de autoria de Gayatri Chakravorty Spivak (2018) — pode falar. Desse modo, almejamos identificar de que modo os STs se articularam teórica e textualmente para receber trabalhos que tratem dessa temática. Com o objetivo de verificar a relação descrita no parágrafo anterior, isto é, o diálogo entre decolonialidade e ensino de língua e literatura, elaboramos o Quadro 3, no qual destacamos os principais objetivos e as temáticas de cada simpósio.

Quadro 3. Objetivos e temáticas dos STs

ST	Abordagem/objetivo	Temáticas
3	A partir do exposto, este simpósio busca receber trabalhos de natureza prática, teórica e/ou metodológica para a atuação no ensino de língua espanhola, sob uma perspectiva decolonial, e coloquem em evidência grupos minoritarizados	Ensino de língua espanhola sob a perspectiva decolonial e grupos minoritarizados.
4	[...] nos interessa problematizar a língua espanhola nos cenários de migração/diáspora; as colonialidades erigidas na modernidade que afetam os sujeitos, sobretudo, na forma da colonialidade da linguagem (Veronelli, 2016), no que se refere aos processos de racialização e seus efeitos nas práticas de linguagem, tais como o “terrorismo linguístico” (Anzaldúa, 1987), hierarquização das línguas e dos sujeitos, invisibilização e silenciamentos de práticas de linguagem, dentre outras, nas e para as quais a racialização é fundante e fundadora; as políticas identitárias e de identidade e seus efeitos na língua e na linguagem;	Língua espanhola; Migração/diáspora; Colonialidade da linguagem; Racialização e seus efeitos nas Práticas de linguagem; “Terrorismo linguístico”; Invisibilização e silenciamentos de práticas de linguagem.
12	[...] integrar diferentes trabalhos que busquem compreender a História da América Latina a partir de diversas fontes documentais, mas, sobretudo, em um diálogo com as manifestações socioculturais e com a Literatura escrita nas zonas de contacto (PRATT, 2010), possibilitando um espaço para debates e para a construção de novas parcerias de investigação sobre a inter-relação entre a Literatura e a História Latino-Americanas, a identidade, a memória e o pensamento	História da América Latina; Manifestações socioculturais; Literatura escrita na zona de contato.

	decolonial.	
18	Nossa proposta é reunir pesquisadores que se interessem pelo atravessamento de olhares e de linguagens que afetem a formação de professores de espanhol no Brasil e que contribuam para a promoção de vozes e perspectivas sulcadas, a partir de um viés decolonial [...] que reflitam sobre a produção estética e cultural do século XXI, incluindo, entre outras, questões de gênero, raça, sexualidade e classe social.	Formação de professores de espanhol no Brasil a partir de uma perspectiva decolonial; Produção cultural do século XXI; Questões de gênero, raça, sexualidade, e classe social.
22	[...] este simpósio pretende ser um espaço para repensar o modo de elaborar, redefinir e avaliar nossas teorizações e metodologias de investigação de práticas no ensino de Literatura [...] procura refletir sobre a pertinência e relevância das abordagens que utilizamos para ministrar aulas, orientar pesquisas e formar professores/as de línguas. Espera-se propiciar diálogos no sentido de reavaliar estratégias de ensino e construir um olhar de alteridade: combativo à violência, preconceito e subalternidade. [...] pretendemos acolher trabalhos que elaborem propostas de ensino e aprendizagem de línguas a partir do texto literário [...] alicerçada no estudo, ensino e aprendizagem de Espanhol como L2	Práticas no ensino de Literatura; Abordagens de ensino; Formação de professores; Alteridade; Combate à violência; Preconceito; Subalternidade; Ensino e aprendizagem de línguas a partir do texto literário; Ensino e aprendizagem de Espanhol como L2.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O ST 3 privilegiou como foco temático o ensino de língua espanhola sob a perspectiva decolonial e dos grupos minoritarizados. Por sua vez, o ST 4 ampliou as possibilidades de submissão de trabalhos no simpósio ao privilegiar a multiplicidade de temas, entre eles destacam-se: língua espanhola; migração/diáspora; colonialidade da linguagem; racialização e seus efeitos nas práticas de linguagem; “terrorismo linguístico”; invisibilização e silenciamentos de práticas de linguagem. Já o ST 12 deu ênfase às literaturas escritas nas zonas de contato, tendo por objetivo discutir a perspectiva decolonial considerando a história da América Latina e suas manifestações culturais. No ST 18, as autoras propuseram a reunião de pesquisadores que investigam a formação de professores de espanhol no Brasil por uma perspectiva decolonial; a produção cultural do século XXI; e as questões de gênero, raça, sexualidade e classe social. Por fim, o ST 18 dilatou, assim como o ST 4, os temas que balizaram a recepção de trabalhos; são eles: práticas no ensino de Literatura; abordagens de ensino; formação de professores; alteridade; combate à violência; preconceito; subalternidade; ensino e aprendizagem de línguas pelo texto literário; e ensino e aprendizagem de Espanhol como L2.

Identifica-se, a partir desse mapeamento, que a maioria dos STs se relaciona ao ensino de língua espanhola e literatura por uma perspectiva dos estudos decoloniais,

abrangendo uma diversidade de temas e assuntos que constituem o escopo da decolonialidade. O que evidencia, *de per se*, que há uma preocupação por parte dos pesquisadores que conformam o quadro de hispanistas em inserir em suas agendas de estudos abordagens que privilegiam, sobretudo no ensino de espanhol, práticas pedagógicas e teóricas alicerçadas na decolonialidade.

5 Conclusões

Nosso artigo parte do pressuposto de que, nos últimos anos, há um movimento de interesse de pesquisa sobre as relações entre os estudos hispânicos e a decolonialidade na universidade pública brasileira. Essa percepção é resultado de um maior número de atividades ofertadas por professores de espanhol inscritas a uma postura teórica que questiona o projeto de poder/ser colonial, a exemplo de dossiês temáticos em periódicos, da abertura de grupos e simpósios de trabalhos em congressos nacionais, de publicações individuais, como artigos e ensaios, de orientações e defesas de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, entre outros produtos que se localizam nas intersecções entre a decolonialidade, o ensino e a formação de professores de língua espanhola.

No ano de 2022, a Associação Brasileira de Hispanistas promove junto ao Instituto Federal de São Paulo a XII edição do Congresso Brasileiro de Hispanistas, um dos eventos mais importantes da nossa categoria e que costuma reunir pesquisadores e professores de espanhol das mais diversas instituições públicas e privadas do nosso país. Após a divulgação da lista de simpósios temáticos, verificamos que, entre 23 propostas, 05 mencionam expressamente os estudos decoloniais, fato este que corrobora a ideia central defendida no artigo, ou seja, de que o campo do saber em questão faz parte da atual agenda de pesquisa de inúmeros hispanistas brasileiros.

Considerando o exposto, em nosso artigo traçamos como objetivo geral problematizar algumas das contribuições do hispanismo brasileiro para os estudos decoloniais. Para tanto, utilizamos a lista de simpósios temáticos do XII Congresso Brasileiro de Hispanistas como *corpus* analítico e delimitamos quatro categorias de análise, a saber: i) a concepção teórica de decolonialidade defendida pelos autores; ii) a possível relação entre decolonialidade e ensino de língua e literatura; iii) os objetivos gerais e específicos de cada simpósio; iv) os critérios de submissão e aceite dos trabalhos que formarão parte dos STs.

Dentre os muitos traços que aparecem debatidos nas análises, gostaríamos de enfatizar que, em relação às filiações institucionais dos proponentes dos 05 simpósios temáticos averiguados, de um total de 10 pesquisadores, 05 deles são oriundos de instituições localizadas no Nordeste do Brasil, o que aponta esta região como um espaço de resistência ao projeto de poder/ser colonial. Além disso, os autores mais recorrentes que fundamentam as propostas de simpósios temáticos são o peruano Aníbal Quijano e o argentino Walter Mignolo, pensadores que enfatizam a necessidade de pensar a América Latina pela ótica dos povos latino-americanos.

Portanto, concluímos que o hispanismo brasileiro tem contribuído com um pensamento decolonial tipicamente latino-americano, o que demanda sensibilidade, sobretudo analítica, para compreender o contexto social-histórico-político-geográfico que atravessa a história dos povos que formam a complexa e multicultural América Latina, desde as suas origens até os dias atuais.

Referências

BAPTISTA, L. M. T. R. Lócus de enunciação e coletivo mexicano Batallones Femeninos: cartografando uma pedagogia decolonial no Sul Global. **Gragoatá**, Niterói, v. 26, n. 56, p. 1115-1147, 2021.

BAPTISTA, L. M. T. R. Colonialidade da linguagem. *In*: MATOS, D. C. V. S; SOUSA, C. M. C. L. L. (org.). **Suleando conceitos e linguagens**: decolonialidades e epistemologias outras. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 51-58.

BRASIL. **Lei n.º 11.161**, de 5 de agosto de 2005. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola., Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: [CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 11., Recife, 2020. **Anais \[...\]**. São Paulo: IFSP, 2022. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-congresso-brasileiro-de-hispanistas>. Acesso em: 20 abr. 2022.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111161.htm#:~:text=O%20PRESIDENTE%20DA%20REP%3%9ABLICA%20Fa%C3%A7o,curr%C3%ADculos%20plenos%20do%20ensino%20m%C3%A9dio._Acesso em: 20 abr. 2022.</p></div><div data-bbox=)

CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 12., São Paulo, 2022. **Lista de simpósios temáticos [...]**. São Paulo: IFSP, 2022. Disponível em: <https://hispanistas.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Simposios-Tematicos-XII-CBH-2.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

COSTA JUNIOR, J. V. L. da; CARVALHO, T. L. de. Quando políticas de resistência se transformam em políticas linguísticas oficiais: o espanhol no nordeste brasileiro. **Revista X**, Curitiba, v. 15, n. 5, p. 172-193, 2020.

GOMES, A. J. S. A formação inicial docente nos cursos de Letras Português/Espanhol, na modalidade a distância, em Mato Grosso do Sul: avanços e retrocessos após a Lei no 11.161/2005. *In*: ZWARG, J. D; ARF, L. M. G; BARREDA; M. S. V. (org.). **El español en Mato Grosso do Sul**: Lengua, Cultura, Literatura, Enseñanza, Investigación y Formación de Profesores. Corumbá: Editora UFMS, 2022. (no prelo).

GROSGOUEL, R. La descolonización de la economía y los estudios postcoloniales: Transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 04, p. 17-48, 2006.

KANASHIRO, D. S. K.; GOMES, A. J. S. La interacción mediada por las tecnologías en el curso de Letras EaD/UFMS. *In*: FERNÁNDEZ PARADAS, A. (org.). **Pantallas que Educan**. Madrid: Technos, 2018. p. 241-253.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2020.

PARQUETT, M. O papel que cumprimos os professores de Espanhol como Língua Estrangeira (E/LE) no Brasil. **Caderno de Letras da UFF**, Niterói, n. 38, p. 123-137, 2009.

PARQUETT, M. A língua espanhola e a linguística aplicada no Brasil. **Abehache**, v. 2, p. 225-239, 2012.

PARAQUETT, M. As quatro ondas do hispanismo no Brasil. **Abehache**, n. 17, p.11-27, 2020.

PELEGRINI, T; FRANÇA, M. T. A. Endogenia acadêmica: insights sobre a pesquisa brasileira. **Estud. Econ.**, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 573-610, out./dez. 2020.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, E. (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. 2. ed. Buenos Aires: CICCUS, 2011. p. 219-264.

ROSA, A. A. S; CAMPOS, T. S. ST 03 - O ensino de espanhol desde uma perspectiva decolonial: grupos minoritarizados em foco. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 12., São Paulo, 2022. **Lista de simpósios temáticos** [...]. São Paulo: IFSP, 2022. p. 4. Disponível em: <https://hispanistas.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Simposios-Tematicos-XII-CBH-2.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RUBBO, D. A. Aníbal Quijano e a racionalidade alternativa na América Latina: diálogos com Mariátegui. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 391-409, set./dez., 2018.

SILVA, E. M; QUEIROZ, A. J. F. ST 22 - Práticas ativas no ensino de línguas, literaturas e geografias decoloniais: metodologias de aprendizagem em perspectiva transfronteiriça. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 12., São Paulo, 2022. **Lista de simpósios temáticos** [...]. São Paulo: IFSP, 2022. p. 23. Disponível em: <https://hispanistas.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Simposios-Tematicos-XII-CBH-2.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA JÚNIOR, A. F. da. Relações e avanços entre a Linguística Aplicada e o hispanismo no Brasil. **Raído**, Dourados, v. 14, n. 36, p. 310-333, 2020.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2018.

TONELLI, F. **Sur o no Sur: cultura na formação de professores de línguas em contextos ibero-americanos**. 249 f. 2020. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2020.